

FISCHER, Luís Augusto (org.). *História da literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024.

Lucas da Cunha Zamberlan

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) | Santa Maria | RS | BR

lucaszamberlan@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-5116-3219>

Em *Do Rigor na Ciência*, Jorge Luis Borges descreve o trabalho cartográfico de um império. Na tentativa de alcançar a mais absoluta precisão, os cartógrafos levantam “um Mapa do Império que tinha o tamanho do Império e coincidia ponto por ponto com ele” (Borges, 1975, p. 71). O texto, de caráter metafórico, chama a atenção ao detalhe, à obstinação da tarefa perfeita e aos perigos e armadilhas encontradas ao longo do processo de (re)produção.

Se recorro a esse tópico bastante conhecido, é porque imagino que Luís Augusto Fischer, estudioso da obra do escritor argentino,¹ deve ter pensado nela ao longo dos anos (penso que décadas) que organizou o *História da Literatura no Rio Grande do Sul*, publicado em esforço colaborativo entre a editora Coragem e a editora da FURG e incentivado, na seara acadêmica, pela Universidade de Princeton, pelos programas de pós-graduação em letras da UFRGS, e da FURG, além da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a CAPES. O projeto reúne um conjunto heterogêneo de 80 pesquisadores das mais variadas instituições de ensino do estado e fora dele, preocupado em erguer um painel crítico do que envolve a arte literária no estado. O resultado são 106 textos divididos em seis volumes bem diagramados e com perfil gráfico interessante, a saber: 1) *A constelação romântica: período formativo* (13 artigos) (Fischer, 2024a); 2) *O rumo moderno: as cidades na virada do século XIX* (21 artigos) (Fischer, 2024b); 3) *A era Erico: anos 1930 a 1950* (16 artigos) (Fischer, 2024c); 4) *A ditadura: anos 1960 a 1980* (14 artigos) (Fischer, 2024d); 5) *Atualidade: depois de 1990* (17 artigos) (Fischer, 2024e) e; 6) *Longas durações* (25 artigos) (Fischer, 2024f).

A ideia nuclear, como o organizador faz questão de sublinhar logo no texto inaugural do primeiro volume, é propor uma análise transversal de um “fenômeno cultural objetivo, a ser descrito e interpretado” (Fischer, 2024g, p. 13), distanciando-se, assim, de especulações metafísicas que, *senza rigore*, muitas vezes são associadas ao imaginário figurativo do Sul. Ao contrário (e isso explica o nosso primeiro parágrafo), o ofício exigiu uma metodologia firme, que atravessa a composição do todo na busca de uma amplitude panorâmica sem se desprender do tom crítico e substantivo que os exames científicos impõem.

Creio, já adianto, que esse era o maior desafio de uma empresa de tal proporção: encontrar a equação entre sincronia e diacronia, ou seja, oferecer uma visada horizontal da literatura gaúcha – e abranger seus quase 300 anos – mergulhando, sem medo, nas reentrâncias do rio caudaloso e profundo da história. A solução encontrada, e de execução compe-

¹ Consultar, por exemplo, o trabalho *Machado e Borges: e outros ensaios sobre Machado de Assis*.

tente, foi pluralizar os olhares; descentralizar o enfoque e ceder espaço a uma construção em rede, mantendo como norte o escopo do Sul em suas diversas manifestações culturais.

Assim, rompendo as diretrizes convencionais da abordagem autor-e-obra, o *História da Literatura no Rio Grande do Sul* faz convergir temas pertencentes ao sistema literário, como relatos acerca do processo editorial, histórico de instituições de educação e atuação da imprensa; concentra-se em esquadrihar a trajetória de cursos de pós-graduação e resgatar a importância de revistas e jornais; relacionar poesia e canção de matiz urbana e nativista, além de formalizar informações importantes sobre oficinas e jornadas literárias, acervos históricos, feiras do livro e sobre o período de ouro dos festivais de música. Os assuntos são desenvolvidos por professores especialistas em cada área, formando coletivos alinhados de acordo com as balizas temporais. Em *Filosofia Mínima*, Fischer já comentava que “o magistério é e sempre será uma profissão do tempo do artesanato, em que cada indivíduo, como se fosse um item produzido pelo artesão, torna-se o que se torna singularmente, individualmente, irreproduzivelmente” (Fischer, 2011, p. 8). E lendo as vozes que se levantam a cada artigo, percebe-se as diferentes nuances de estilo, as sutilezas dos tons, as agudezas de argumentação, o apego entre comentador e matéria comentada.

No volume 1, por exemplo, acompanhei com grande entusiasmo os capítulos sobre os textos fundadores (Maria Eunice Moreira), a avaliação da dramaturgia de Qorpo Santo (Denise Espírito Santo; Flávio Wolf de Aguiar), a comparação da gauchesca platina e a rio-grandense (João Luis Pereira Ourique) e o estudo do próprio Fischer quanto ao incontornável Simões Lopes Neto. Já o segundo trouxe a surpresa positiva da pulverização geográfica no tratamento dos centros com cultura letrada, acentuando particularidades das literaturas produzidas em diferentes lugares do estado. Caetano Galindo, em *Latim em Pó* (Galindo, 2023), sustenta que para os linguistas do século XIX, era possível viajar de Paris a Roma sem sentir uma fronteira brusca entre as línguas, que se moldavam gradualmente ao colorido sutil dos dialetos. Esse não é, exatamente, o nosso caso, mas a lição esclarece tanto os vínculos com os nossos vizinhos de fronteira, quanto com as regiões do Rio Grande do Sul, coadunando-se, com isso, com o programa multifacetado do estudo: somos gaúchos; isso revela semelhanças, mas ressalta também a emergência de elementos culturais muito diferentes e não raro contraditórios.

O volume 3, dedicado às décadas de 1930, 1940 e 1950, confunde, como era de se esperar, a literatura e sociedade, já que o próprio estado alcançou, no período, o protagonismo político com a chegada de Getúlio Vargas à Presidência. Seguindo a premissa crítica de Antonio Candido, ele mesmo fruto dessa conformação cultural em estado de ebulição, muitas obras do período estetizaram o externo (contexto), estreitando laços entre a realidade e as formas ficcionais. Por isso, as análises preconizam, aqui, o gênero romance e seus embates com a história, como os que tratam de Érico Veríssimo (Sergius Gonzaga; Pedro Minchillo) ou de seu trabalho na Editora Globo (Elisabeth Torresini) e de escritores que (con)viveram neste cenário (Luís Bueno; Pedro Brum Santos; Soraya Bragança). Mas a poesia não fica esquecida e é representada, por exemplo, em fragmento especial sobre Mario Quintana (Paulo Becker) e especialmente no texto de Juliana Santos, que esmiuça, entre outros nomes, a poética de Lila Ripoll.

O debate tensiona-se em *A ditadura*, no volume 4, não só pela aspereza do período, mas também pelo número crescente de autores e obras, muitos oriundos de uma educação formal já estabelecida e em ascensão. O destaque desse livro reside na adequada distribuição dos gêneros – até pela amplitude do objeto – já bem delineados em conformidade com as feições moduladas pela modernidade: o romance (Cibele Colares da Costa e Mairim

Linck Piva), a crônica (Antonio Marcos Vieira Sanseverino e Eduardo José dos Santos), a poesia (Antônio Carlos Mousquer), o teatro (Marina de Oliveira) e até o texto acadêmico (Luís Augusto Fischer e Olívia Barros de Freitas).

E, por último, embora não menos importante, os livros 5 e 6. O *Atualidade* poderia encerrar o box. Cronologicamente, ele fecha mesmo, estilizando tendências e recrutando expressões populares como as HQs (Vinícius da Silva Rodrigues), a literatura fantástica (Simone Saueressig), policial (Carlos André Moreira), infantil (Paula Mastroberti) e o rock (Carlo Pianta). Entretanto, já acostumados à perspectiva histórica, os capítulos de Guto Leite, que se debruça sobre a poesia contemporânea, e de Carlos André Moreira, desafiado a escrever sobre a geração XXI, parecem fazer descansar o marca-página. Então, surge o volume final, *Longas Durações*, que engloba estudos que se ocupam com a produção literária de três das grandes etnias do estado (afrodescendentes, germânicos e italianos), e ilumina outras questões urgentes, como a literatura de autoria feminina. Na subdivisão da escrita judaica, Regina Zilberman engrandece a proposta geral do projeto com *Moacir Scliar: mutação e continuidade*. Em tempo: Regina Zilberman é uma das grandes autoras da historiografia literária do estado, junto com João Pinto da Silva, Guilhermino César e Flávio Loureiro Chaves. Os nomes desses precursores aparecem com frequência em diversos textos e de maneiras muito variadas. Por permearem inúmeras pesquisas, acrescento uma nota de desacordo: seria interessante, em cada livro, a adição de um índice onomástico que auxiliasse o leitor, fazendo-o se sentir mais confortável diante de um material dessa natureza. Quem sabe em uma próxima edição?

Embora a coleção venha a se somar aos trabalhos realizados por esses grandes vultos da academia gaúcha, não é demasiado considerá-lo pioneiro na forma como encara a extração regional, arregimentando vozes e diversificando os pontos-de-vista da vida literária no Extremo-Sul. Em outras palavras, há em *História da Literatura no Rio Grande do Sul* algo como uma nova gramática do olhar que harmoniza as mudanças da sociedade a uma genealogia das Letras no nosso âmbito meridional. Evidentemente haveria estudos possíveis a serem adicionados ao grande grupo, mas aí incorreríamos, talvez, nos mesmos defeitos dos cartógrafos do antigo Império. Os seis livros já garantem, com segurança, um fôlego suficiente para renovar a nossa compreensão e oferecem aos pesquisadores, professores, estudantes e interessados uma fonte segura para enxergar o passado sem negligenciar as contingências do presente.

Referências:

BORGES, Jorge Luís. Do rigor na ciência. In: BORGES, Jorge Luís. *História universal da infâmia*. Porto Alegre: Globo, 1975, p. 71.

FISCHER, Luís Augusto (org.). *História da literatura no Rio Grande do Sul, volume 1: a constelação romântica: período formativo*. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024a.

FISCHER, Luís Augusto (org.). *História da literatura no Rio Grande do Sul, volume 2: o rumo moderno: as cidades na virada do século XIX*. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024b.

FISCHER, Luís Augusto (org.). *História da literatura no Rio Grande do Sul, volume 3: a era Erico: anos 1930 a 1950*. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024c.

FISCHER, Luís Augusto (org.). *História da literatura no Rio Grande do Sul, volume 4: a ditadura: anos 1960 a 1980*. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024d.

FISCHER, Luís Augusto (org.). *História da literatura no Rio Grande do Sul, volume 5: atualidade: depois de 1990*. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024e.

FISCHER, Luís Augusto (org.). *História da literatura no Rio Grande do Sul, volume 6: longas durações*. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024f.

FISCHER, Luís Augusto. Introdução geral: uma nova história para a literatura gaúcha. In: FISCHER, Luís Augusto (org.). *História da literatura no Rio Grande do Sul, volume 1: a constelação romântica: período formativo*. Porto Alegre: Coragem; Rio Grande: Editora da FURG, 2024g, p. 11-26.

FISCHER, Luís Augusto. *Filosofia mínima: ler, escrever, ensinar e aprender*. Porto Alegre: Arquipélago, 2011.

GALINDO, Caetano Waldrigues. *Latim em pó: um passeio pela formação do nosso português*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.